

UM OLHAR SOCIOLOGICO SOBRE O ESPIRITISMO: TRAJETÓRIAS, IDEIAS E PRÁTICAS¹

Maria Lúcia VANNUCHI*

O desconhecido instiga a curiosidade humana; o insólito incita o desejo de desvelar mistérios, de compreender o aparentemente incompreensível. É desse lugar que Reginaldo Prandi principia a análise sociológica da história e de ideias e práticas estruturantes do espiritismo, tecida em *Os mortos e os vivos: uma introdução ao espiritismo*, publicado pela editora paulista Três Estrelas. O livro, que prescindiu de Introdução e Considerações Finais, está dividido em oito capítulos escritos em linguagem clara e acessível também aos não iniciados nas Ciências Sociais, ou particularmente na área de estudos das religiosidades e religiões.

Como explicar a existência de forças avassaladoras da natureza que em segundos arrasam imemoráveis construções? Como suportar a morte de entes queridos? Atribuir-lhes a dimensão de uma energia indestrutível, de uma natureza imaterial e capaz de materializar-se em fenômenos naturais, em objetos inanimados e em seres vivos que assumem diferentes e transitórias formas corpóreas, é um caminho que contribui para diminuir a carga de dor das inevitáveis perdas. A crença em espíritos eternos que habitam todas as coisas e todos os seres possibilita vencer a grande angústia da existência: a morte. A fé, a crença, a religiosidade, independentemente de suas posteriores e diversificadas formas institucionalizadas de religiões, constituem-se, pois, como poderosos lenitivos.

Como quer Durkheim, as crenças religiosas são comuns a todas as coletividades; todas, sem exceção, comungam algum complexo sistema de ideias e práticas vinculadas a específicas concepções de sagrado e de profano. Desta feita

* UFU – Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Ciências Sociais. Uberlândia – MG – Brasil. 38400-902 – maluvannuchi@incis.ufu.br

¹ Resenha da obra: PRANDI, Reginaldo. **Os mortos e os vivos**: uma introdução ao espiritismo. São Paulo: Três Estrelas, 2012. 115 p.

não há como analisar as relações sociais, as diferentes formas de sociabilidades, passando ao largo das religiões.

Prandi, professor de sociologia da Universidade de São Paulo (USP), que integra o corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), é um dos principais estudiosos das religiões brasileiras, tendo publicado outros livros sobre a temática, dentre os quais, *Mitologia dos Orixás*, e *A realidade social das religiões no Brasil*, escrito em coautoria com Antônio Flávio Pierucci.

Em *Os mortos e os vivos*, sua publicação mais recente, o autor dissecou as entranhas do espiritismo, sob a perspectiva sociológica, demonstrando também um olhar de dentro, de profunda intimidade com a temática que analisa. Após inicial reflexão acerca do mundo dos espíritos, e de ilustrar as manifestações destes por meio de casos concretos que teriam ocorrido em diferentes lugares e momentos – de Hydesville, Estado de Nova York em 1848 a Goiânia, 1977 – passa a focalizar o Kardecismo, seu processo de constituição, trajetória no Brasil e seus impactos sociais.

Observa Prandi que os humanos não apenas estabelecem trocas entre si, mas também com espíritos de diferentes magnitudes; com as divindades – espíritos maiores – e com guias, espíritos menores que realizam a intermediação daquelas com os humanos.

De modo geral, as religiões cultuam, sobretudo, o espírito de seus ancestrais mortos; algumas, em ocasiões de ritos de passagem e cerimoniais fúnebres; outras os mantêm em diuturno e estreito contato, estabelecendo no dia-a-dia permanente comunicação com os espíritos desmaterializados, desencarnados, através de pessoas singulares, dotadas de sensibilidade ímpar: os médiuns. Dentre estas religiões, destaca-se o espiritismo Kardecista, que tem por berço *O livro dos espíritos*, de Allan Kardec, pseudônimo adotado pelo pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804 – 1869) e publicado na França, em 1857, no formato de perguntas e respostas.

O Kardecismo, misto de filosofia, religião e ciência, prima pela perspectiva evolucionista do aperfeiçoamento espiritual promovido por meio de sucessivas reencarnações movidas pela lei de causa e efeito; concepção esta que afasta a possibilidade de acasos: o bem ou o mal que cada indivíduo pratica desenha suas vivências. Tal pressuposto aproxima-o do existencialismo, concernente à ideia de responsabilização por nossas próprias práticas individuais: “Tudo aquilo por que passamos [...] é resultado de nossas próprias ações.” (PRANDI, 2012, p.73). Mais adiante, ressalta que “[...] cada um é autor de seu próprio drama, o responsável por aquilo que efetivamente é, por seu sofrimento, e também sua felicidade.” (PRANDI, 2012, p.79).

No Brasil, o espiritismo estrutura-se com viés filosófico-científico menos marcado; foi inclusive, segundo Prandi, o único país em que a doutrina deu origem a uma religião completa e autônoma. A partir da entrada de *O livro dos espíritos*, de Kardec, na segunda metade do século XIX o espiritismo, aqui, conhece rápida e significativa expansão.

Prandi considera que tal crescimento não necessariamente decorria de uma adesão ou conversão religiosa, haja vista que muitos frequentadores de sessões espíritas, que buscavam a energização espiritual por meio de práticas que os espíritas denominam como passes, e comunicação com entidades espirituais, continuavam a se autodeclarar católicos. E ressalta ainda que “[...] a concepção de uma religião dessacralizada pela ideia de ciência atraiu intelectuais brasileiros que eram anticlericais, mas continuavam cristãos.” (PRANDI, 2012, p.56). Vale ressaltar a resistência contra o avanço do espiritismo, sobretudo, por parte do catolicismo hegemônico, assustado com o crescente pluralismo religioso que se avizinhava. O autor cita matéria de um cronista carioca, João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto que, preconceituosamente, reproduzia frase, digna de nota, de católicos de meados do século XIX: “O espiritismo é um abismo encantador; foge ou de lá nunca mais sairá.” (PRANDI, 2012, p.49). Poder-se-ia questionar se religiões há que carreguem menor carga de encantamento.

É difícil pensar em religiões desprovidas desse encantamento decorrente da aproximação do indivíduo com o sagrado, com rituais mágicos, ainda que Durkheim, no intuito de definir, a partir de suas características exteriores, fenômenos que pudessem ser efetivamente considerados religiosos, descartasse as ideias de sobrenatural e mistério, bem como as de divindades ou seres espirituais, por considerá-las não comuns a todas as religiões.

Embora a primeira sessão espírita tenha tido lugar em Salvador, no ano de 1865, foi no Rio de Janeiro que o espiritismo efetivamente afirma-se. Sua institucionalização dá-se em 1873, com a fundação da Sociedade de Estudos Espíritas, do Grupo Confúcio sob a orientação do espírito Ismael. A seguir, em 1884, também no Rio de Janeiro, foi fundada a Federação Espírita Brasileira (FEB), e em 1900 já havia federações espíritas instaladas em quase todos os Estados brasileiros.

Prandi apresenta-nos, em *Os mortos e os vivos*, os princípios, os fundamentos e as práticas nucleares do espiritismo, dentre os quais ressalta: a caridade – sem a qual não haveria salvação – bem como a disciplina de leitura e estudo da palavra dos espíritos para aprimoramento da capacidade de auxiliar os que precisam e, dessa forma, ajudar-se a si próprio; e ainda a filantropia, a dedicação ao próximo visando curar ou trazer conforto e consolo aos que sofrem.

As ações filantrópicas praticadas, não raro preenchem lacunas deixadas pela inoperância do setor público; respondem a demandas não atendidas por órgãos governamentais.

Passo seguinte, o autor percorre a saga de médiuns brasileiros que contribuíram para a consolidação e expansão do espiritismo no país, dentre estes, o médico e político cearense, radicado no Rio de Janeiro, Adolfo Bezerra de Menezes (1831-1900), o líder espírita brasileiro mais importante do século XIX, que contribuiu sobremodo para consolidar o Kardecismo no Brasil. Já no século XX a grande figura mediúnica é Francisco Cândido Xavier (1910 – 2002), popularmente conhecido como Chico Xavier. O médium mineiro, de Uberaba, que tinha Emmanuel por guia espiritual, psicografou milhares de cartas e mensagens, e mais de quatrocentos livros – dezesseis destes, atribuídos ao espírito do médico carioca André Luiz.

Em interessante trecho do livro, Prandi relata a profecia de Emmanuel acerca da morte ou desencarne de Chico Xavier; ocorreria em dia festivo, de muita alegria: “Chico Xavier morreu em 30 de junho de 2002, às sete e meia da noite, quando os brasileiros comemoravam a conquista do pentacampeonato mundial de futebol.” (PRANDI, 2012, p.68)

O autor relembra, ainda, a dura trajetória de José Pedro de Freitas (1921-1971), mineiro de Congonhas do Campo, conhecido como José Arigó que ao receber o espírito do médico Dr. Fritz, realizava um sem número de cirurgias, prática esta que lhe custou acusações de charlatanice e detenções em presídios. Por fim, registra também as práticas curativas que foram realizadas pelo médium goiano João Teixeira de Faria, conhecido como João de Deus (1942-) em Abadiânia (GO).

Reginaldo Prandi fecha seu texto com uma análise da interconexão, no Brasil, do espiritismo com o candomblé e a umbanda. Esta, sobretudo, nasce do ventre do Kardecismo, tendo sido, inclusive, originalmente nomeada “espiritismo de umbanda”. A despeito de seu denominador comum – a mediunidade utilizada para a comunicação com entidades espirituais – elas diferem quanto a algumas práticas, tais como oferendas e sacrifícios, que não integram os rituais espíritas e, sobretudo, por seus marcadores sociais: o espiritismo, relativamente às suas congêneres de matriz africana, é mais elitista; congrega mais brancos, pessoas de escolaridade e faixas salariais mais elevadas. Também seus guias espirituais teriam tido, em vida terrena, melhor posicionamento socioeconômico.

Prandi explica que, ao contrário da concepção africana de sabedoria, “[...] que se adquire com a experiência de vida, nas conquistas do dia a dia, no enfrentamento do oponente com coragem e determinação, sem que haja nenhuma relação com o conhecimento cultivado nas escolas e nas letras [...]” (PRANDI, 2012, p.94),

os espíritos-guias do Kardecismo apresentavam elevado grau de escolaridade e pertenciam a estratos sociais mais altos; acreditavam que “[...] os espíritos de maior luz, mais evoluídos, eram os dos mortos que em vida foram sábios ilustres, humanistas e profissionais de formação universitária, competentes em suas ocupações, todos eles virtuosos: os que teriam melhores condições, portanto, de intervir neste mundo para a prática da cura e da doutrinação caridosas.” (PRANDI, 2012, p.54).

É interessante enfatizar que da mesma forma que, para proteger-se de preconceitos e estigmas, muitos espíritas, até hoje, declaram-se católicos, também muitos umbandistas não se assumem como tal, declarando-se espíritas, e outros há, ainda, que adotam elementos dessas religiões, sem efetiva adesão ou conversão, sem comprometimento com as suas configurações institucionalizadas.

Pluralidade, diversidade, e sincretismo marcam as religiosidades e religiões na sociedade contemporânea, e estas resultam muito menos de heranças familiares, e muito mais de escolhas pessoais. São escolhas errantes, mutantes, desprovidas de quaisquer promessas de fidelidade eterna. Resultam de buscas por religiões que possam, ainda que circunstancialmente, oferecer explicações para as incógnitas do mundo, que apontem nortes mais seguros, que apresentem valores mais eficazes na orientação das próprias condutas, e, acima de tudo, religiões que contribuam para afirmações identitárias e estabelecimento de laços de pertença.

Os dados que Prandi apresenta ao final do texto revelam uma conjuntura favorável ao espiritismo, de significativa expansão.

[...] os censos mostraram um crescimento de 35% no número de seus adeptos [do espiritismo] entre os anos de 2000 e 2010. Os espíritas declarados passaram de menos de 1% para 2% do conjunto dos brasileiros [...] No mesmo período, as religiões evangélicas cresceram 44%, saltando de 15% para 22% da população residente brasileira. Enquanto isso, o catolicismo sofreu uma queda de 12% – de 74% para 64% da população – e as religiões afro-brasileiras se mantiveram no magro contingente de 0,3%. (PRANDI, 2012, p.110).

Os números revelam o crescimento também das religiões evangélicas; apenas o catolicismo perde terreno.

A marcha da demografia religiosa não segue, pelo menos até o presente momento, na direção dos progressivos desencantamento e secularização decorrentes do avanço da racionalidade burguesa, vaticinados por Weber, de tendência declinante de religiosidades e religiões.

Esta resenha, mais descritiva do que analítica, pretende, acima de tudo, conduzir os leitores à excelente análise que o autor tece. Vale conferir; é uma leitura que acrescenta.

Referência

PRANDI, R. **Os mortos e os vivos**: uma introdução ao espiritismo. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

Recebido em 03/12/2012

Aprovado em